



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**ACIMA DE TUDO E DE TODOS:
UM OLHAR SOBRE O BOLSONARISMO**

LUIZ CARLOS FRANCO MARINHO FILHO

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**ACIMA DE TUDO E DE TODOS:
UM OLHAR SOBRE O BOLSONARISMO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

LUIZ CARLOS FRANCO MARINHO FILHO

Orientador: Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

FILHO, Luiz Carlos Franco Marinho.

Acima de tudo e de todos: Um olhar sobre o bolsonarismo mobilizado diante da #VazaJato. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Orientador: Paulo Guilherme Domenech Oneto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Acima de tudo e de todos: Um olhar sobre o bolsonarismo**, elaborada por Luiz Carlos Franco Marinho Filho.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto
Pós-doutor pela University of London
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dante Gastaldoni
Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Paulo Roberto Pires
Doutor em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e à minha irmã, que sempre se esforçaram para que eu tivesse condições de estudar.

Ao Uirá, por ter estado lá quando foi (extremamente) necessário.

Ao Dante, por despertar em mim a paixão pela fotografia e a consciência de sua importância.

Ao meu avô, que nunca conheci, por ter lutado contra a ditadura, exercido o ofício de escritor e jornalista e ter sido pra mim, nos momentos mais duros da vida, um referencial quase mítico.

E à Paula, por estar ao meu lado e me ensinar tanto.

“A cadela do fascismo está sempre no cio.”

Bertold Brecht

FILHO, Luiz Carlos Franco Marinho. **Acima de tudo e de todos: Um olhar sobre o bolsonarismo**. Orientador: Paulo Guilherme Domenech Oneto. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um ensaio fotográfico feito em uma manifestação bolsonarista no dia 30 de junho de 2019, na Avenida Atlântica, em Copacabana, após os primeiros vazamentos de conversas de promotores da força-tarefa Lava Jato publicados pelo site The Intercept Brasil. A partir de uma análise das imagens produzidas, o relatório oferece uma reflexão teórica sobre as pautas defendidas pelos manifestantes e a sua relação com o atual cenário político brasileiro, após quase um ano de governo Bolsonaro. Inicialmente, é feita uma contextualização sobre as motivações do protesto, sob a luz de acontecimentos recentes. Em seguida, com o auxílio de autores da psicologia, o trabalho oferece considerações sobre o conceito biopolítico de fascismo, para depois discorrer sobre seis imagens selecionadas e discutir tópicos que se evidenciam através das fotografias, como o clamor popular por um estado de exceção e o militarismo.

Palavras-chave: Bolsonaro; protesto; fotografia; fotojornalismo; fascismo

SUMÁRIO

- 1. Introdução**
- 2. O bolsonarismo nas ruas**
 - 2.1. Contexto: Da #VazaJato à Avenida Atlântica
 - 2.2. A questão do fascismo e das massas
- 3. Imagens**
 - 3.1. Construção do inimigo
 - 3.2. Acima de tudo e de todos (inclusive da lei)
- 4. Relatório de produção**
 - 4.1. Equipamento
 - 4.2. Abordagem
- 5. Considerações finais**
- 6. Referências Bibliográficas**
- 7. Apêndices**
 - 7.1. APÊNDICE A – Heróis da Nação
 - 7.2. APÊNDICE B – Fora velha política
 - 7.3. APÊNDICE C – Moro de papelão
 - 7.4. APÊNDICE D – Punir promotores e juízes? Diga não!
 - 7.5. APÊNDICE E – O STF é uma vergonha
 - 7.6. APÊNDICE F – Semente do mal
 - 7.7. APÊNDICE G – Esperança amarela
 - 7.8. APÊNDICE H – O bom patriota
 - 7.9. APÊNDICE I – Je suis Moro
 - 7.10. APÊNDICE J – Intervenção militar, só se for agora
 - 7.11. APÊNDICE K – Troféu
 - 7.12. APÊNDICE L – Deus, sara esta nação
 - 7.13. APÊNDICE M – Imprensa amiga
 - 7.14. APÊNDICE N – We are all Bolsonaro

- 7.15. APÊNDICE O – Eu quero intervenção militar
- 7.16. APÊNDICE P – Tia do zap
- 7.17. APÊNDICE Q – Lula presidiário
- 7.18. APÊNDICE R – Fora Gilmar
- 7.19. APÊNDICE S – Os Intocáveis
- 7.20. APÊNDICE T – Guerreiro de luz
- 7.21. APÊNDICE U – Desconstruído
- 7.22. APÊNDICE V – Um real
- 7.23. APÊNDICE W – Legítima defesa
- 7.24. APÊNDICE X – Centrão só tem ladrão
- 7.25. APÊNDICE Y – Continência
- 7.26. APÊNDICE Z – Acima de tudo e de todos

1. Introdução

Entrei na Escola de Comunicação da UFRJ em junho de 2013. Demorei a me formar, eu sei. Mas, mais do que começar a introduzir minha monografia com uma constatação de culpa acadêmica, delimitar a data é importante por conta de seu simbolismo histórico: as lembranças do meu primeiro período são embaralhadas pelo cheiro do gás lacrimogêneo, pelo barulho das bombas da Polícia Militar, por assembleias estudantis e, sobretudo, por um sentimento de euforia política que, visto com o distanciamento de seis anos (e que seis anos!), me parece tão pueril quanto a própria ideia de revolução no século XXI.

No fundo, sempre relatei a minha história pessoal - e também acadêmica - com grandes movimentos políticos. Começou em 2011, quando decidi largar o colégio após passar três semanas acampando na Cinelândia, durante o Ocupa Rio (no ano seguinte, consegui o certificado do Ensino Médio pelo Enem). Se, por um lado, sei que esta é uma visão mais narcisista do que propriamente engajada, sei também que, por outro, é também ela que me mantém comprometido com alguma coisa maior do que sucesso pessoal ou profissional. Acredito que estar permanentemente sintonizado com os movimentos políticos do tempo presente é uma obrigação social e existencial de qualquer indivíduo que se enxergue como parte da sociedade em que vive. Foi isso que me levou à faculdade de jornalismo, em primeiro lugar. E foi esse o principal critério de escolha do tema da minha monografia: não simplesmente sua contemporaneidade, mas sobretudo sua relevância para o que seria o inconsciente coletivo político do Brasil atual. De antemão, eu já sabia que escreveria sobre Bolsonaro. Ou melhor: sobre o pensamento por trás de sua ascensão. O bolsonarismo¹.

Como uma parte substancial do país foi capaz não apenas de eleger, mas de alçar à condição de mito, um deputado federal que defende abertamente a ditadura militar² e um

¹ O bolsonarismo é entendido aqui como um conjunto de subjetividades constituintes do pensamento político por trás da ascensão de Jair Messias Bolsonaro no cenário político nacional. É um termo, portanto, recente, utilizado de maneira livre por analistas políticos e jornalistas. Pode ser compreendido, grosso modo, como o conjunto de pautas defendidas pelo núcleo duro de apoio ao presidente, tais como a liberação do porte de armas, o fortalecimento da família e da religião e o revisionismo histórico sobre o golpe militar que instituiu a ditadura brasileira em 1964. Vale ressaltar, ainda, que este fenômeno é a variação brasileira de uma ideologia de extrema-direita contemporânea com expressão eleitoral também em outros países, como os Estados Unidos de Donald Trump e a Hungria de Viktor Orbán.

² Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/doze-vezes-em-que-bolsonaro-e-seus-filhos-exaltaram-e-acenaram-a-ditadura/>> Acesso em 08 set. 2019

torturador que colocava ratos nas vaginas de mulheres³? Foi, enfim, este tipo de inquietação que me levou ao tema. Como jornalistas, temos alguns meios de tentar descobrir isso. Como pesquisadores, temos outros. E, como fotógrafos, temos as imagens. O objetivo deste trabalho é unir tudo o que aprendi na faculdade, em torno destes três eixos, para, ainda que consciente de antemão de que eu não daria conta de responder a essa pergunta, ao menos ajudar a tornar o caminho para a sua resposta mais claro.

A escolha do ensaio fotográfico como formato do trabalho de conclusão do curso também se deu, novamente, pelo comprometimento com a minha própria história pessoal dentro da faculdade. Eu só comecei a fotografar por causa dela. Se não fossem as aulas de Fotojornalismo ministradas pelo professor Dante Gastaldoni, eu provavelmente jamais teria começado tirar fotos. E, hoje, não consigo imaginar a minha vida sem isso. Sempre carrego uma câmera no bolso, registrando, por vezes quase obsessivamente, tudo o que me chama a atenção. A fotografia se tornou, para mim, uma atitude diante do mundo, uma linguagem para apreendê-lo - e, além de tudo, uma fonte de renda. Por esse sentimento de gratidão e comprometimento com algo proporcionado por esta faculdade e tão decisivo em minha vida, decidi que um ensaio fotográfico seria a melhor forma de concluir minha graduação.

Sob outro aspecto, mais formal do que pessoal, acredito que a produção de imagens sobre o bolsonarismo enquanto fenômeno de massas ainda seja escassa, mesmo que fundamental para a sua compreensão. Para fotografar, é necessário sempre estar lá, o mais próximo possível, do objeto fotografado. É possível realizar uma pesquisa, ou mesmo uma reportagem jornalística, à distância; mas uma foto, não. E há uma relutância - compreensível, é verdade - em grande parte dos fotógrafos de esquerda, a ir em manifestações de direita. A grande maioria deles prefere fotografar uma manifestação na qual haja concordância com as pautas defendidas, e torce o nariz ao pensar na ideia de fotografar senhoras brancas vestidas com a camisa da seleção brasileira, pedindo o fechamento do Supremo Tribunal Federal, o fim do aborto e a liberação do porte de armas, na Avenida Atlântica, em uma ensolarada manhã de domingo.

Por fim, de todas as manifestações favoráveis ao governo Bolsonaro, considero a do dia 30 de junho a que mais dialoga com o debate do jornalismo, por ter sido convocada justamente como resposta aos primeiros vazamentos feitos pelo site The Intercept Brasil. A manifestação surge, portanto, não apenas para defender pautas já estabelecidas pela base de

³ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/fui-testemunha-viva-da-brutalidade-do-ustra-diz-veador-torturado-na-ditadura-02052016>> Acesso em 08 set. 2019

apoio do presidente, mas também confrontando a própria prática do jornalismo em uma de suas funções mais primordiais: a de trazer à tona informações relevantes para o interesse público. Decidi, então, fotografar esta manifestação movido pela intuição de que ela seria reveladora não apenas sobre como o bolsonarismo estava se organizando nas ruas, mas também sobre como ele estaria construindo a ideia do jornalismo como uma espécie de inimigo da pátria.

Desta forma, este trabalho será estruturado em quatro capítulos. O capítulo 2 fará uma breve recapitulação da relação do bolsonarismo com as ruas, explicando todo o contexto que levou à manifestação do dia 30. Ele também discorrerá sobre como o tema do fascismo entrou em pauta nas discussões sobre política no Brasil, desde junho de 2013 até as eleições presidenciais de 2018, e introduzirá o conceito de fascismo em uma perspectiva micropolítica, não necessariamente vinculada à experiência histórica, sob a luz de autores como Gilles Deleuze e Wilhelm Reich.

No capítulo 3, me dedicarei a analisar algumas imagens específicas do ensaio fotográfico, que julguei serem reveladoras sobre os aspectos discutidos anteriormente. Ele será dividido em dois subcapítulos e será composto de seis imagens, analisando, a partir dela, como funciona a construção do inimigo, o apelo popular a um estado de exceção, ao militarismo e à religião.

No capítulo 4, falarei sobre a produção do ensaio fotográfico propriamente dita, explicando a escolha do equipamento utilizado e comentando as dificuldades de abordagem do objeto fotografado, que envolveram certas precauções necessárias por conta do distanciamento ideológico e do clima de acirrada polarização política.

Nas considerações finais, comentarei sobre a relação do trabalho com o contexto global em que ele foi concebido e refletirei sobre as contribuições que ele tem a oferecer para este turbulento momento.

2. O Bolsonarismo nas ruas

Com pouco mais de seis meses após a posse de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República, a manifestação convocada para o dia 30 de junho de 2019 não foi a primeira manifestação favorável ao governo - algo atípico em uma democracia. Geralmente, manifestações ocorrem contra, e não a favor de um governo, e muito menos em um espaço tão curto de tempo. As mobilizações centradas na figura de Dilma Rousseff durante seu governo, por exemplo, só surgiram em seu segundo mandato e exigindo seu impeachment⁴. Conforme pontuou Manuel Castells, ao se debruçar sobre revoluções populares ocorridas no início da década, os protestos de rua: “Geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana da maioria das pessoas. São induzidos por uma profunda desconfiança nas instituições políticas que administram a sociedade” (CASTELLS, 2013, p. 157). Contudo, apesar de apoiarem o governo recém-estabelecido, veremos, ao longo do relatório e através das fotografias, que o apoio se dá pontualmente, a figuras específicas, e que a desconfiança em relação às instituições políticas que administram a sociedade está presente, inclusive em intensidade alta.

Bolsonaro se elegeu com 57.797.847 votos, ou 39% dos votos totais do eleitorado brasileiro, em segundo turno, pelo Partido Social Liberal (PSL). Fernando Haddad, candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), o segundo colocado, ficou com 32%. Brancos, nulos e abstenções representaram uma parcela significativa da fatia, com 29%⁵. O eleitorado de Bolsonaro, portanto, está longe de representar a maioria do povo brasileiro. Para o filósofo Marcos Nobre, Bolsonaro não têm pretensão de governar para todos, mas sim, justamente, apenas para essa base, “que não é maioria, mas é grande o suficiente para sustentar um governo”⁶. Segundo Nobre continua em seu texto, “tornar essa base fiel é fundamental para sustentar um governo” e, “em momentos críticos”, “a tática consiste em produzir inimigos odiosos o suficiente para conseguir uma ampliação forçada dessa base e assim conquistar a maioria”. Nesse cenário, protestos de rua são a situação ideal para mobilizar a base

⁴ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-vive-dia-de-protestos-massivos-contradilma-4764/>> Acesso em 29 set. 2019

⁵ Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-do-brasil/>> Acesso em 29 set. 2019

⁶ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-revolta-conservadora/>> Acesso em 02 out. 2019

governista, e o episódio da #VazaJato⁷ foi uma oportunidade de ouro para a criação de novos inimigos - em especial, o jornalista Glenn Greenwald, responsável pelos vazamentos.

A primeira manifestação de apoio ao governo Bolsonaro ocorreu no dia 26 de maio⁸, pouco mais de um mês antes. Foi o primeiro momento, após as eleições, em que setores da sociedade civil se organizaram e ocuparam as ruas do país em torno das pautas bolsonaristas, que voltariam a aparecer tanto no dia 30 de junho, quanto no dia 25 de agosto⁹ - em uma manifestação de menor relevância numérica, porém igualmente reveladora em termos simbólicos. Desde o princípio, as pautas reivindicadas são, muitas vezes, conflituosas, como, por exemplo, no que diz respeito à defesa da reforma da Previdência (ver apêndices B e P) e os ataques ao “Centrão” (ver apêndice X) - em especial, a Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados e notadamente o maior articulador político da reforma da Previdência na Câmara¹⁰.

No dia 26 de maio, a base bolsonarista foi às ruas apoiar pautas como a reforma da Previdência e o pacote anticrime do ministro Sergio Moro¹¹, mas, também, como resposta a manifestações de rua organizadas pela oposição, que centraram suas pautas na defesa da educação pública¹². Já no dia 30, os atos repetiram as pautas, com ênfase na defesa da Lava Jato, na glorificação da figura de Moro e no repúdio aos vazamentos do The Intercept Brasil.

2.1 Contexto: da #VazaJato à Avenida Atlântica

O site The Intercept Brasil publicou os primeiros vazamentos de uma série de reportagens nomeada “As mensagens secretas da Lava Jato” no final da tarde do dia 9 de junho de 2019, por meio de três matérias que noticiavam trechos de conversas privadas entre procuradores da Operação Lava Jato no aplicativo Telegram.

⁷ Vaza Jato foi o termo pelo qual ficou conhecido o vazamento de conversas, mantidas pelo aplicativo Telegram, entre Sérgio Moro e procuradores da Operação Lava Jato. #VazaJato foi a hashtag utilizada pelos próprios jornalistas do The Intercept Brasil, veículo que obteve acesso às conversas e realizou, com exclusividade, os primeiros vazamentos.

⁸ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/multidao-de-ato-pro-governo-segue-a-praca-dos-tres-poderes-em-brasilia/>> Acesso em 18 jul. 2019

⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/manifestantes-pedem-veto-ao-projeto-de-abuso-de-autoridade-em-21-estados-no-distrito-federal-23902855>> Acesso em 18 jul. 2019

¹⁰ Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,durante-30-anos-tiraram-papel-do-congresso-diz-maia-em-discurso,70002916964>> Acesso em 17 jul. 2019

¹¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/24/politica/1558724882_630332.html> Acesso em 19 jul. 2019

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/cidades-brasileiras-tem-atos-contrabloqueios-na-educacao.ghtml>> Acesso em 17 jul. 2019

Na primeira parte da série de reportagens¹³, assinada pelos jornalistas Glenn Greenwald, Betsy Reed (editora-chefe do The Intercept) e Leandro Demori (editor-chefe do The Intercept Brasil), foi informado que o princípio jornalístico usado para nortear os vazamentos é o de “informar à sociedade questões de interesse público e expor transgressões”. O texto termina afirmando que “a liberdade de imprensa existe para jogar luz sobre aquilo que as figuras mais poderosas de nossa sociedade fazem às sombras”.

As conversas foram obtidas pelo site através de uma fonte anônima e reveladas, portanto, sob a justificativa do interesse público, conforme o art. nº9 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Associação Brasileira de Imprensa¹⁴. A preservação do sigilo da fonte, por sua vez, fez valer o art. nº8 do mesmo código e o artigo 5º, XIV, da Constituição Federal de 1988¹⁵.

O conteúdo dos primeiros trechos de mensagens revelados mostram que o juiz responsável pela força-tarefa Lava Jato até o dia 19 de novembro de 2018, Moro, agiu de forma parcial, mantendo conversas escusas com a promotoria¹⁶ e chegando, em alguns momentos, a orientá-la de forma direta¹⁷.

Moro foi o juiz responsável pela condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no célebre caso do triplex do Guarujá¹⁸. Lula era o primeiro colocado nas pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais de 2018, poucos meses antes do pleito. O então candidato do PSL, Bolsonaro, seu adversário direto, terminou eleito, e convidou Moro para assumir dois ministérios, fundidos em um e acumulando ainda algumas funções de outros ministérios extintos pelo novo governo. Moro, então, assumiu pela primeira vez um cargo político, tornando-se um “superministro” da Justiça e Segurança Pública e solidificando, dessa forma, sua imagem como um dos homens mais influentes do país. Em 2016, sob acusações de que a prisão do ex-presidente Lula teria interesses políticos por trás, Moro havia afirmado ao jornal O Estado de São Paulo, na primeira entrevista concedida após

¹³ Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>> Acesso em 18 jul. 2019

¹⁴ Disponível em: <<http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>> Acesso em 05 set. 2019

¹⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 10 set. 2019

¹⁶ Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/chat-moro-deltan-telegram-lava-jato/>> Acesso em 10 set. 2019

¹⁷ Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/14/sergio-moro-enquanto-julgava-lula-sugeri-a-lava-jato-emitir-uma-nota-oficial-contr-a-defesa-eles-acataram-e-pautaram-a-imprensa/>> Acesso em 10 set. 2019

¹⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/entenda-o-processo-contr-a-lula-no-caso-do-triplex-de-guaruja-sp.shtml>> Acesso em 13 nov. 2019

a deflagração da Operação Lava Jato, que “jamais entraria para a política”¹⁹. Segundo um levantamento feito pela Agência Lupa, ele reforçou esta afirmação em pelo menos sete ocasiões²⁰.

Ainda no dia 9 de junho, com a publicação de três reportagens pelo The Intercept Brasil, a hashtag #VazaJato foi imediatamente alçada aos trending topics (assuntos mais comentados) do Twitter. A hashtag foi movimentada tanto por usuários situados no espectro político da esquerda, quanto pelos próprios jornalistas envolvidos nos vazamentos. Greenwald escreveu, no Twitter, que: “O arquivo fornecido pela nossa fonte sobre o Brasil é um dos maiores da história do jornalismo”²¹. Americano, formado em Direito, casado com David Miranda (deputado federal pelo PSOL) e residente no Rio de Janeiro desde 2005, Glenn já havia atuado em outro vazamento de grandes proporções, ao ajudar a divulgar informações obtidas por Edward Snowden sobre programas secretos de vigilância global da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA). Por este trabalho, recebeu um Prêmio Pulitzer.

Os vazamentos também provocaram uma reação forte na base apoiadora do governo Bolsonaro. No dia seguinte, foi a vez da hashtag #EuApoioaLavaJato chegar aos trending topics do Twitter, desencadeando uma espécie de “guerra de hashtags”²². Tanto a base de apoio do presidente, quanto influentes grupos de mídia do país - em especial, o Grupo Globo -, desconsideraram o conteúdo das mensagens e construíram sua narrativa com foco no aspecto criminoso de uma, até então, suposta invasão hacker aos celulares de procuradores da Lava Jato. A capa do Jornal O Globo do dia 11 de junho é um exemplo desta construção de narrativa²³. Deltan Dallagnol, coordenador da força-tarefa Lava Jato, personagem mais recorrente dos vazamentos e provável vítima do ataque, jamais entregou seu celular para a perícia da Polícia Federal, por razões nunca esclarecidas²⁴.

A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), entidade máxima da representação de advogados no país, recomendou, em nota oficial, o afastamento de Moro e Dallagnol de suas

¹⁹ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/jamais-entraria-para-a-politica-diz-sergio-moro/>> Acesso em 15 set. 2019

²⁰ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/11/01/em-sete-entrevistas-moro-negou-que-entraria-politica/>> Acesso em 15 set. 2019

²¹ Disponível em: <<https://twitter.com/ggreenwald/status/1137834173887057925>> Acesso em 15 set. 2019

²² Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/vazamentos-de-moro-dividem-internautas/>> Acesso em 17 set. 2019

²³ Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020190611>> Acesso em 17 set. 2019

²⁴ Disponível em: <<https://epoca.globo.com/guilherme-amado/deltan-dallagnol-ainda-nao-entregou-celular-para-pericia-23774633>> Acesso em 18 set. 2019

funções, para que as investigações pudessem transcorrer sem risco de interferência²⁵. A recomendação foi ignorada.

Nas redes, os vazamentos aumentaram a visibilidade das principais figuras envolvidas, como Moro e Greenwald, e acirraram a polarização política, através de “guerras de hashtags” e de narrativas. Jornalistas do site The Intercept Brasil passaram a sofrer constantes ameaças de morte²⁶.

Nesse ambiente de acirrada polarização, a base do presidente convocou uma manifestação de apoio à Lava Jato e ao ministro Moro, nas principais capitais do país, para o dia 30 de junho. O ato foi convocado por grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), o Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Conservador (MBC).

2.2 A questão do fascismo e das massas

A discussão sobre o fascismo esteve presente de forma direta durante as eleições de 2018. Há menos de uma semana do segundo turno, a Justiça Eleitoral realizou uma série de operações em universidades públicas do país para retirar bandeiras contrárias ao fascismo, alegando que se tratavam de campanha eleitoral contrária ao candidato Jair Bolsonaro²⁷. Na sexta-feira anterior às eleições, a Procuradoria-Geral da República entrou com uma ação pela garantia da liberdade de expressão nas universidades²⁸, e o Supremo Tribunal Federal só suspendeu liminarmente as ações da Justiça Eleitoral no dia seguinte²⁹ - há apenas um dia da escolha do novo presidente do país.

A polêmica ocorreu, portanto, às vésperas do decisivo segundo turno, com o Supremo Tribunal Federal tomando uma atitude apenas no dia anterior - cinco dias após as primeiras bandeiras serem retiradas e as primeiras denúncias contra a liberdade de expressão serem

²⁵Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/oab-recomenda-afastamento-temporario-de-moro-e-deltan/>> Acesso em 19 set.2019

²⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/31/politica/1564596524_615378.html> Acesso em 18 set. 2019

²⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/26/tre-rj-diz-que-tirou-cartazes-de-universidade-publica-porque-nao-e-permitida-a-propaganda-eleitoral-ou-partidaria-bens-de-uso-comum.ghtml>> Acesso em 01 out. 2019

²⁸ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/pgr-acionara-stf-contra-excessos-em-acoes-policiais-nas-universidades/>> Acesso em 01 out. 2019

²⁹Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/carmen-lucia-suspende-atos-que-ordenaram-acoes-policiais-em-universidades/>> Acesso em 01 out. 2019

feitas³⁰. Na época, até a revista norte-americana *The Economist*, em um artigo, alertava para o perigo de que as instituições não conseguissem resistir a Bolsonaro³¹.

Após a decisão do Supremo Tribunal Federal, no entanto, uma pergunta jamais foi realmente esclarecida: ao assumir que bandeiras antifascistas constituíam propaganda eleitoral contra Bolsonaro, a Justiça Eleitoral não estaria automaticamente assumindo que havia uma associação clara e direta entre o pensamento fascista e as ideias defendidas pelo capitão reformado do Exército?

Em uma coluna de setembro no jornal *Folha de S. Paulo*, o filósofo Pablo Ortellado afirmou que Bolsonaro não era fascista, por não se enquadrar na definição histórica do termo³².

Em *Mil Platôs*, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari vão na contramão da definição histórica, pensando o fascismo como um componente micropolítico e desejanter.

É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário. [...] Não há senão o microfascismo para dar uma resposta à questão global: por que o desejo deseja sua própria repressão, como pode ele desejar sua repressão? [...] Mas o desejo nunca é separável de agenciamentos complexos que passam necessariamente por níveis moleculares, microformações que moldam de antemão nossas posturas, as atitudes, as percepções, as antecipações, as semióticas, etc. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 101)

A indagação de Deleuze e Guattari parece remontar ao próprio conceito da “servidão voluntária”, formulado por Étienne de La Boétie e publicado apenas em 1576, mais de dez anos após a sua morte. Em seu discurso, La Boétie formula pela primeira vez a questão sobre que motivos nos levam uma sociedade a, voluntariamente, se submeter a um tirano. Já naquela época, o filósofo pontua que o tirano não precisa ter maioria para submeter um povo aos seus interesses. “Não são as armas que defendem o tirano. Parece à primeira vista incrível, mas é a verdade. São sempre quatro ou cinco os que estão no segredo do tirano, são esses quatro ou cinco que sujeitam o povo à servidão (BOÉTIE, 2006, p. 27)”.

³⁰Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-tre-retirar-bandeira-antifacista-em-universidade-professores-e-estudantes-protestam,70002562260>> Acesso em 01 out. 2019

³¹ Disponível em: <<https://www.economist.com/leaders/2018/09/20/jair-bolsonaro-latin-americas-latest-menace>> Acesso em 01 out. 2019

³² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2018/09/nao-e-o-que-parece.shtml>> Acesso em 01 out. 2019

Assim como Deleuze e Guattari, o pensador oriundo da psicanálise, Wilhelm Reich, também se debruça sobre a questão do fascismo como um movimento de massas, afirmando, no prefácio à terceira edição na língua inglesa de seu livro *Psicologia das Massas do Fascismo* (logo, com o devido distanciamento da primeira edição e já consciente da repercussão de suas ideias), que todo indivíduo possui elementos do pensamento e do sentimento fascistas em sua estrutura.

Não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascistas. O fascismo como um movimento político distingue-se de outros partidos reacionários pelo fato de ser sustentado e defendido por massas humanas. Estou plenamente consciente da enorme responsabilidade contida nestas afirmações. Desejaria, para bem deste mundo perturbado, que as massas trabalhadoras estivessem igualmente conscientes da sua responsabilidade pelo fascismo. (REICH, 2001, p. 12)

É preciso ter em mente, portanto, que o fascismo, ou, ao menos, as condições para o seu surgimento, são mais comuns do que aparentam ser e podem surgir em diferentes contextos, e não apenas no que a experiência histórica convencionou chamar de fascismo, como a Itália de Mussolini ou a Alemanha de Hitler.

As relações entre massa e indivíduo têm sido objeto de estudo desde que Gustave Le Bon se debruçou sobre a questão em seu livro *Psicologia das multidões*, de 1895. Muito antes da experiência fascista ocorrer historicamente, Le Bon chegou à conclusão que: “pelo mero fato de pertencer a uma massa organizada, o ser humano desce vários degraus na escala da civilização. Em seu isolamento, era talvez um indivíduo culto; na massa, é um bárbaro” (LE BON, 2008, p. 36).

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud comenta e reforça a ideia de Le Bon sobre a constituição primitiva do pensamento das massas:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é desprovida de crítica; para ela, o improvável não existe. Ela pensa por imagens que se evocam associativamente umas às outras [...] Inclinação ela própria a todos os extremos, a massa só é excitada por estímulos desmedidos. Quem quiser agir sobre ela não precisa de nenhuma ponderação lógica de seus argumentos; tem de pintar as imagens mais fortes, exagerar e repetir sempre a mesma coisa. [...] O que ela exige de seus heróis é força, inclusive violência. Ela quer ser dominada, oprimida e temer seus senhores. No fundo completamente conservadora, ela tem a mais profunda aversão a todas as novidades e progressos, e um respeito ilimitado pela tradição. (FREUD, 2013, p. 50)

No Brasil, o fascismo tem sido objeto de debate desde que as massas foram às ruas em junho de 2013. Para o filósofo Moyses Pinto Neto, o movimento fascista foi “exitoso” em se apropriar do “pessimismo que irrigou por todos os lados a revolta como afeto político em 2013” (PINTO NETO, 2015, p.132). O próprio Fernando Haddad, candidato pelo PT derrotado no segundo das eleições de 2018 contra Bolsonaro, se referiu a junho de 2013 como um movimentado “sequestrado” por “grupos de direita”, e decisivo para o impeachment de Dilma Rousseff e a ascensão da direita no país³³.

O sociólogo Jessé Souza, em entrevista a Luis Nassif, corrobora com a ideia de que o fascismo - em especial o que emergiu das ruas após junho de 2013 - extrapola os paralelos com a experiência histórica. “Hitler e Mussolini foram realizações radicais do fascismo, mas o fascismo é algo que existe na vida política e pode ser aprofundado”, atestou³⁴.

Vale ainda ponderar que, vindo de uma patente baixa e tendo se revoltado contra a própria instituição do Exército³⁵, a figura de Bolsonaro se assemelha indubitavelmente ao que Reich denominou “Zé Ninguém”³⁶. Segundo o autor, é precisamente o tipo de mentalidade presente na figura do “Zé Ninguém” que ocasiona a adesão das massas ao fascismo.

A mentalidade fascista é a mentalidade do "Zé Ninguém", que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado. Não é por acaso que todos os ditadores fascistas são oriundos do ambiente reacionário do "Zé Ninguém". O magnata industrial e o militarista feudal não fazem mais do que aproveitar-se deste fato social para os seus próprios fins, depois de ele se ter desenvolvido no domínio da repressão generalizada dos impulsos vitais. Sob a forma de fascismo, a civilização autoritária e mecanicista colhe no "Zé Ninguém" reprimido nada mais do que aquilo que ele semeou nas massas de seres humanos subjugados, por meio do misticismo, militarismo e automatismo durante séculos. O "Zé Ninguém" observou bem demais o comportamento do grande homem, e o reproduz de modo distorcido e grotesco. O fascista é o segundo sargento do exército gigantesco da nossa civilização industrial gravemente doente. Não é impunemente que o circo da alta política se apresenta perante o "Zé Ninguém"; pois o pequeno sargento excedeu em tudo o general imperialista: na música marcial, no passo de ganso, no comandar e no

³³ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vivi-na-pele-o-que-aprendi-nos-livros/>> Acesso em 13 set. 2019

³⁴ Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/na-sala-de-visitas-com-luis-nassif/para-jesse-souza-golpe-nasceu-em-junho-de-2013/>> Acesso em 03 out. 2019

³⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1884033-bolsonaro-admitiu-atos-de-indisciplina-e-deslealdade-no-exercito.shtml>> Acesso em 21 set. 2019

³⁶ “Zé Ninguém” é uma má tradução para o termo alemão *kleinen Mann*, que, em tradução literal, significa “pequeno homem”. Em inglês, por exemplo, foi traduzido para *little man*.

obedecer, no medo das ideias, na diplomacia, na estratégia e na tática, nos uniformes e nas paradas, nos enfeites e nas condecorações. Um imperador Guilherme foi em tudo isto simples "amador", se comparado com um Hitler, filho de um pobre funcionário público. Quando um general "proletário" enche o peito de medalhas, trata-se do "Zé Ninguém" que não quer "ficar atrás" do "verdadeiro" general. É preciso ter estudado minuciosamente e durante anos o caráter do "Zé Ninguém", ter um conhecimento íntimo da sua vida atrás dos bastidores, para compreender em que forças o fascismo se apoia. (REICH, 2001, p.13)

Vimos neste capítulo, portanto, uma primeira abordagem do fenômeno bolsonarista em aproximação com o fenômeno do fascismo – não o fascismo histórico, que certamente também renderia uma importante discussão, mas sim o fascismo molecular e micropolítico; o fascismo como um instinto psicológico das massas. A seguir, em uma análise das imagens, veremos como se dá a sua expressão de forma mais direta.

3. Imagens

Neste capítulo, apresentarei algumas imagens e refletirei sobre como elas se relacionam com o contexto e as definições de fascismo previamente discutidas. Este trabalho é norteado pela ideia da força das imagens em escancarar algo da essência de nossa sociedade, ainda que não represente a totalidade dela. Jean Baudrillard - que, além de sociólogo e filósofo, foi também fotógrafo - trabalha com uma ideia visceral da imagem como elemento de desvelamento, e do fotógrafo como mero instrumento dela, em seu ensaio *O exotismo radical*:

A fotografia é o nosso exorcismo. A sociedade primitiva tinha suas máscaras, a sociedade burguesa seus espelhos, nós temos nossas imagens. Acreditamos forçar o mundo pela técnica. Mas, pela técnica, é o mundo que se impõe a nós, e o efeito de surpresa devido a essa inversão é considerável. Você pensa estar fotografando determinada cena por prazer - de fato é ela que quer ser fotografada, você é mero figurante da encenação. A imagem é, por excelência, o médium dessa publicidade gigantesca que o mundo faz de si, que os objetos fazem de si. (BAUDRILLARD, 1990, p. 160)

Sob esta perspectiva, a produção de imagens do apoio popular, ainda que residual, a ideias antidemocráticas, é importante não apenas como documento histórico, mas também para revelar o mundo e, desta maneira, exorcizá-lo. O que não quer dizer, claro, que o componente histórico não seja de extrema importância. Nesse ponto, Lissovsky afirmou, em 1983:

A nível histórico o que a fotografia faz é pegar uma determinada porção do espaço, capturar esse espaço e congelá-lo no tempo. O sujeito quando olha a fotografia estabelece uma ponte entre aquele momento e o espaço que está na imagem e o momento que ele está vivendo. [...] A explicação espacial da cultura, da política, das relações sociais pode ser percebida. E isso é uma coisa que a fotografia capta mais e melhor do que qualquer outra fonte de informação. (LISSOVSKY, 1983, p. 118)

Ou seja, ainda que o fotógrafo seja um figurante e a imagem fale por si, o sujeito ainda está presente de forma ativa no processo de captura de imagens. É ele que tomará as decisões que deixarão aquele momento registrado como um documento histórico, cultural e político. Ele é a ponte. O obturador não é acionado, no exato instante em que é acionado, à toa, muito menos no fotojornalismo. Caso contrário, o momento registrado também seria

registrado por mero acaso, e o domínio do fotojornalista sobre a mensagem pretendida se anularia. Diferente da fotografia enquanto objeto puramente artístico, quando há intenção histórica, documental e jornalística por trás do disparo do obturador, a clareza quanto à comunicação de informações a um interlocutor se faz necessária. Em Pedroso, vemos que:

Mais do que a imperativa interação com o texto, o fotojornalismo só tem sua missão cumprida, só realiza sua finalidade, quando outra condição é preenchida: quando sua interpretação final se aproxima da intenção informativa do repórter fotográfico. Uma foto jornalística somente é realmente boa quando o espectador a compreende e a utiliza como alavanca interpretativa e reforçadora para aquilo que os conteúdos verbais oferecem de maneira analítica, quando representa a síntese das informações ou o ápice das tensões envolvidas na representação (PEDROSO, 2008, p. 43)

Sobre a discussão da fotografia enquanto registro histórico e de preservação da memória, o ensaísta e crítico de arte John Berger traz, ainda, contribuições importantes. Ao contrário do cinema, que, segundo ele, segue uma narrativa “antecipatória”, a fotografia se preocupa com “o que estava lá”. “Com a invenção da fotografia adquirimos um novo meio de expressão, mais estreitamente associado à memória do que qualquer outro” (BERGER, 2013, p. 131).

Veremos, então, o que estava lá.

3.1 Construção do inimigo

A primeira fotografia sobre a qual gostaria de me ater não mostra pessoas, mas simplesmente mensagens escritas por pessoas. É uma fotografia tirada de um carro de som alugado pela Liga Cristã Mundial, mas cujas mensagens se repetem em diversos pontos da manifestação e refletem as razões dela ter sido convocada.

Foto 1: Semente do mal



No centro da foto, a faixa que mais chama a atenção diz: “Greenwald e Intercept, semente do mal, o próximo alvo”. A pergunta que fica, é: próximo alvo de quê? Qual, ou quais, foram os alvos anteriores? Seria uma referência à facada sofrida por Bolsonaro? À prisão do ex-presidente Lula? Não se sabe. A faixa parece funcionar mais como uma mensagem genérica de construção do inimigo. Como afirmou Marcos Nobre, “a tática consiste em produzir inimigos odientos o suficiente para conseguir uma ampliação forçada dessa base e assim conquistar a maioria³⁷”.

Abaixo a essa frase, novamente um inimigo a ser combatido: o presidente do Senado, Davi Alcolumbre, comparado ao ex-presidente da Casa, Renan Calheiros. Alcolumbre desbancou Calheiros em uma eleição polêmica, com apoio da própria família Bolsonaro. No entanto, rapidamente tornou-se também um inimigo da base bolsonarista. Ainda segundo Nobre:

Este é o primeiro governo que não se obriga a ser coerente. [...] É um governo feudalizado, com disputas por espaço, o que faz com que não tenha uma cara, a não ser o fator antissistema. E isso dialoga justamente com o terço da população mais fiel ao Bolsonaro. Por isso o primeiro mandato é pautado pelo enfrentamento institucional. (NOBRE, 2019)

³⁷Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-revolta-conservadora/>> Acesso em 02 out. 2019

Neste cenário, o estabelecimento de um antagonismo com figuras como Alcolumbre e Rodrigo Maia, presidentes do Senado e da Câmara, respectivamente, representa o enfrentamento institucional pretendido por Bolsonaro para mobilizar sua base. Como podemos ver nesta foto e em outras deste trabalho, o presidente de fato consegue mobilizar sua base com êxito ao se opor a essas figuras: em especial a Maia, mais citado na manifestação.

No canto superior da foto, podemos ler uma faixa que diz “FAXINA GERAL JÁ”, fazendo uma clara alusão à ideia de perseguição ao inimigo, ao passo que ao lado esquerdo da foto há outro panfleto que se repete ao longo da manifestação: “Punir promotores e juízes? DIGA NÃO! Lute contra a corrupção!”. Falaremos melhor sobre essa ideia no capítulo 3.2.

Há ainda a própria bandeira da Liga Mundial Cristã, um grupo cristão alinhado ao presidente. Sua página oficial no Facebook foi derrubada através de uma decisão judicial³⁸, mas ela mantém outras páginas, com postagens abertamente islamofóbicas³⁹. A LMC foi a organização responsável por alugar este carro de som em que, ironicamente, nenhuma mensagem de cunho religioso pode ser visto.

Na segunda foto, cinco senhoras posam ao lado de um sujeito fantasiado de “Lula presidiário”. Novamente, a figura do inimigo é evocada.

³⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Liga-Crist%C3%A3-Mundial-546837362075563/>> Acesso em 17 nov. 2019

³⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Liga-Crist%C3%A3-Mundial-Alerta-1733699696889593/>> Acesso em 17 nov. 2019

Foto 2: Lula presidiário

Lula é o “belzebu” perfeito para Bolsonaro, segundo Nobre. Em entrevista concedida logo após a sua soltura, o filósofo afirma: “O Lula e o PT são perfeitos para isso, para dizer 'olha, se o belzebu está do outro lado, vocês que estão aí no meio e não sabem o que fazer, é melhor votar em mim'”⁴⁰. Não à toa, a imagem de Lula é evocada constantemente, tanto por Bolsonaro, quanto pela sua militância.

É interessante notar, nesta imagem, o nítido recorte social: as cinco senhoras são brancas, aparentando fazer parte da classe média que mora no bairro de Copacabana. É uma foto posada, assim como muitas outras deste trabalho, o que indica que elas estavam dispostas a aparecer e a deixar registrado seu posicionamento político. Não é, de maneira nenhuma, uma fotografia intrusiva: elas estão sorrindo. A manifestação é, também, uma comunhão, uma festa ao redor de uma ideia.

⁴⁰ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/09/com-lula-livre-pt-entra-de-fato-na-oposicao-a-bolsonaro-diz-marcos-nobre.htm>> Acesso em 10 nov. 2019

3.2. Acima de tudo e de todos (inclusive da lei)

Foto 3: Punir promotores e juízes? Diga não!



Foto 4: Os Intocáveis



As fotos 3 e 4 mostram manifestantes pedindo, explicitamente, para que determinados homens sejam colocados acima da lei. Na foto 4, Bolsonaro, Moro e Guedes são tido como “intocáveis”. Para compreender melhor de que forma alguns homens são colocados acima da lei, vale retomar a leitura de uma reflexão esclarecedora do filósofo italiano Norberto Bobbio em seu ensaio *Governo dos homens ou governo das leis*:

Tanto o grande legislador, o sábio, quanto o fundador de estados, o herói, são personagens excepcionais que surgem em situações incomuns e desenvolvem suas ações em momentos ou de começo ou de ruptura. Na realidade, o governo dos homens, mais que uma alternativa ao governo das leis, dele é uma necessária sub-rogação nas épocas de crise. [...] Entre todas as representações positivas do governo dos homens, a única que não é imediatamente associada a um estado de exceção é a do rei-filósofo de Platão [...] Historicamente, o governo do homem faz seu aparecimento quando o governo das leis ou ainda não surgiu ou mostra sua inadequação diante da irrupção de uma situação de crise revolucionária. Em suma, está estreitamente ligado ao estado de exceção. (BOBBIO, p.167, 1986)

A preferência da base bolsonarista por um governo dos homens, em detrimento de um governo das leis, é manifesta. Podemos constatar isso não apenas nos cartazes presentes nestas fotografias, mas também em diversas fotografias deste ensaio, que mostram manifestantes pedindo o fechamento do Congresso, do Supremo Tribunal Federal e incitam, em maior ou menor grau, o estabelecimento de um estado de exceção (ver apêndices J, O, R, S, Y).

O estado de exceção foi objeto de estudo de outro filósofo italiano, Giorgio Agamben, que pontuou que “o estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como o paradigma de governo dominante na política contemporânea”, sendo também “um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo” (AGAMBEN, 2004, p.13).

A relação entre o conceito de estado de exceção com o que Bobbio chamou de governo dos homens (acima do governo das leis) remonta ao próprio debate inicial sobre estado de exceção e soberania colocado pelo alemão Carl Schmitt, ao atestar que: "Soberano é aquele que decide do estado de exceção" (SCHMITT, 1988, p.15). Mesmo porque o estado de exceção não é tanto a suspensão das leis quanto a sua operação justamente nas “lacunas do direito” (AGAMBEN, 2004, p.48).

É como se o direito contivesse uma fratura essencial entre o estabelecimento da norma e sua aplicação e que, em caso extremo, só pudesse ser preenchido pelo estado de exceção, ou seja, criando-se uma

área onde essa aplicação é suspensa, mas onde a lei, enquanto tal, permanece em vigor. (AGAMBEN, 2004, p.48)

Sob este ponto de vista, não parece coincidência que, tanto componentes do estado de exceção, quanto os do Exército, estejam colocados de forma explícita pelos manifestantes. Foi pelas mãos do Exército que o Estado encontrou sua expressão máxima de soberania na experiência histórica brasileira, através da ditadura militar – o maior e mais duradouro estado de exceção ao qual o país já foi submetido. Nas primeiras linhas de seu famoso ensaio *Necropolítica*, o filósofo camaronês Achille Mbembe parte do pressuposto de que:

A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2018, p.5)

Foto 5: Continência



À parte a discussão histórica e materialista, o Exército evoca também um componente específico do ordenamento das massas, segundo Freud. Para ele, o Exército e a Igreja são os maiores exemplos de “massas altamente organizadas, duradouras e artificiais” (FREUD, 2019, p.78), e a investigação sobre sua estrutura libidinosa ajuda a compreender o

pensamento de massas. Como vemos em Reich, a ordenação das massas, por sua vez, leva à própria questão do fascismo, indissociável tanto do Exército quanto da religião (REICH, 2001). Na foto 5, podemos observar o impacto que um jipe do Exército provoca no meio da manifestação: um sentimento de respeito e admiração, que leva um civil (como muitos outros que passaram por ali) a bater continência para uma autoridade que nem mesmo se encontra presente.

“Notemos que nessas duas massas artificiais cada indivíduo se encontra, por um lado, libidinosamente ligado ao líder (Cristo, o general) e, por outro, aos demais indivíduos da massa”, escreveu Freud (FREUD, 2019, p.82).

Foto 6: Deus, sara esta nação



Além do Exército, vemos, portanto, que a Igreja constitui outra massa artificial. Seus símbolos também se encontram presentes na manifestação. Reich aponta que a religião opera em consonância direta com o sentimento nacionalista (presente de forma evidente em absolutamente todas as fotografias) e do fascismo. “As concepções místicas e as atitudes da família patriarcal são portanto, na psicologia de massas, os elementos básicos do nacionalismo fascista e imperialista” (REICH, 2001, p.113). O autor enfatiza de forma incisiva o impacto da religião sobre a repressão sexual do indivíduo, e como isso possibilita

uma adesão libidinosa ao sentimento fascista, o que, segundo ele, explica a conexão psicológica entre a presença religiosa (ou mística) e o fascismo em si.

É que os graves conflitos sexuais (no sentido mais lato) constituem um entrave, consciente ou inconsciente, ao pensamento racional e ao desenvolvimento do sentido das responsabilidades sociais, enchendo de angústia e asfixiando o indivíduo em questão. Diante de um fascista que utilize os meios da fé e do misticismo, isto é, os meios da sexualidade e da libido, esse indivíduo volta pra ele toda a sua atenção. (REICH, 2001, p.163)

4. Relatório de produção

Quando soube que haveria uma manifestação convocada pela base do governo Bolsonaro como resposta aos vazamentos do site The Intercept Brasil, imediatamente intuí que as imagens produzidas naquela manifestação seriam reveladoras sobre o conturbado momento político que o país atravessa, e me preparei para fotografá-la. Ao chegar em Copacabana na manhã do dia 30 de junho de 2019, contudo, ainda não tinha a dimensão exata do que encontraria, e só fui começando a entender melhor o que estava diante de mim conforme avançava pela Avenida Atlântica e clicava.

4.1 Equipamento utilizado

Para a produção das imagens, utilizei uma câmera Canon EOS Rebel SL1 (100D), uma das menores DSLRs de entrada disponíveis no mercado, e a lente do kit que acompanha a câmera, uma EF-S 18-55mm 1:3.5-5.6 IS STM.

A escolha se deu por motivos circunstanciais e limitações financeiras: era a câmera da minha namorada, a melhor disponível que eu poderia pedir emprestada. Ao escolhê-la, no entanto, eu já sabia ela que atenderia perfeitamente às exigências do trabalho, como atendeu. O tamanho compacto da câmera favoreceu uma abordagem mais discreta com as pessoas, e a versatilidade da lente zoom, que funcionava tanto como uma grande-angular quanto como uma 55mm, em sensor cropado, me permitiram chegar bem perto dos objetos fotografados e ainda assim conseguir incluir o contexto geral da manifestação dentro das imagens.

A única limitação possível seria quanto ao fato de se tratar de uma lente escura, cuja maior abertura é 3.5. No entanto, como o dia estava ensolarado, isso sequer chegou perto de se tornar um problema, ao contrário: a maioria das fotos foi tirada com o ISO baixo, 100 ou 200.

4.2 Edição

Nunca fui o tipo de fotógrafo que economiza cliques, por sempre buscar capturar o momento decisivo e me surpreender com facilidade diante do que se revela na frente da câmera. Neste dia, não foi diferente. Ao todo, foram tiradas 1.012 fotos. Na edição, utilizei

o programa Adobe Lightroom, e me preocupei apenas em deixar as cores, principalmente o verde e o amarelo, bem vivas. O realce e a exposição tiveram que ser diminuídos em algumas fotos, devido ao forte sol, e o sombreamento também foi suavizado em algumas, para mostrar melhor os detalhes.

4.3 Abordagem

A abordagem teve algumas precauções, principalmente em relação à preocupação do quão hostil poderia ser a reação das pessoas caso descobrissem que eu era um “intruso”, um fotojornalista não alinhado com as pautas defendidas pelos manifestantes. Nesse sentido, cheguei a ser desencorajado por amigos próximos e familiares, temerosos com a minha aparência física. Segundo eles, eu tinha um visual inconfundivelmente “de esquerda”, por ter barba, cabelo comprido e a pele morena, e poderia sofrer hostilidades. No geral, não foi o que ocorreu. Amarrei o cabelo em um coque, fiz a barba e escolhi uma camisa da cor azul clara, que julguei que me colocaria em uma posição relativamente neutra: nem o verde e amarelo dos manifestantes, nem o vermelho ou o preto, que poderiam remeter às cores da oposição.

A manifestação ocorreu durante a Copa América e em Copacabana, um dos bairros que mais recebeu turistas durante a competição. A combinação entre o coque, a camisa azul clara e a postura curiosa diante dos manifestantes fez com que, por dois momentos, me confundissem com um argentino e me chamassem de “hermano”. Nas duas vezes, não desmenti, sorri, cumprimentei de volta e fotografei.

Devido a esta preocupação, fui sempre discreto e não tentei subir para tirar foto em cima de nenhum carro de som. Fiquei embaixo do carro de som do Movimento Brasil Conservador (MBC), o mais cheio de todos, e estudei se era possível pedir para fotografar de cima dele, mas percebi que os organizadores estavam com uma postura defensiva em relação aos fotógrafos que pediam autorização. Vi uma fotógrafa mulher, de cabelo curto e vestida de preto, ser barrada, após ser indagada por um dos organizadores se era “de esquerda”. Achei melhor não tentar.

Em três momentos, fui questionado sobre meu veículo e respondi que era independente. Em um deles, ao receber um olhar desconfiado de um homem usando boina militar após a minha resposta, tive que improvisar, e emendei: “Estou aqui pelo Brasil”. Não menti: julgava que compreender aquilo era fundamental para compreender os possíveis

rumos do país. Nos cumprimentamos, ele me disse que precisávamos “limpar a pátria” e segui meu caminho.

Embora eu tenha ficado atordoado com o que via em diversos momentos, tentei manter sempre uma postura aberta e curiosa. Não estava interessado em julgar - até porque, sabia que teria todos os outros momentos, que não aquele, para fazê-lo -, mas sim em entender o que havia levado aquelas pessoas a estarem ali, defendendo aquelas coisas. Em algum momento, realizei que ver aquilo tão de perto, com a bagagem intelectual e ideológica que eu tinha, era algum tipo de privilégio, e quis mostrar, através das fotos, sem qualquer tipo de julgamento, o que de fato estava acontecendo. Sabia que a maioria dos fotógrafos de pensamento progressista jamais iria se interessar em fotografar uma manifestação daquelas, e ter consciência disso aumentava ainda mais o meu senso de responsabilidade sobre o material produzido. Sobre isso, vale a leitura de um trecho que o cineasta Eduardo Coutinho escreveu para o catálogo de um festival de cinema, em 1992:

Muitos dos documentaristas ditos progressistas, de esquerda ou de qualquer forma interessados no social, costumam filmar aqueles acontecimentos ou ouvir aqueles personagens que confirmem suas próprias ideias apriorísticas sobre o tema tratado. [...] Creio que a principal virtude do documentarista é de estar aberto ao outro [...] Só se pode subverter o real, no cinema ou alhures, se se aceita, antes, todo o existente, pelo simples fato de existir (COUTINHO, 2013, p. 20)

Como o próprio Coutinho afirma, esta é uma regra que não se aplica apenas ao cinema. Tento utilizar esse pensamento como norteador de qualquer tipo de registro documental, seja em foto, áudio ou vídeo. Com este trabalho, é claro, não foi diferente.

5. Considerações finais

Enquanto escrevo a conclusão deste trabalho, o único presidente indígena da América Latina é deposto através de um golpe de Estado dirigido pela polícia local⁴¹. Evo Morales cedeu à pressão popular e do Exército e renunciou⁴², mas nem isso bastou para que a oposição respeitasse as regras de uma democracia.

No Chile, um governo liberal, de direita, reprime duramente os protestos que criticam seu governo e já se estendem há mais de um mês⁴³. Até o momento, o Estado chileno matou mais de vinte manifestantes e prendeu milhares⁴⁴. No Peru, o Congresso foi dissolvido⁴⁵, e um estado de exceção foi convocado no Equador após protestos contrários ao aumento do preço do combustível no país⁴⁶. A Venezuela, país com a maior reserva de petróleo do mundo⁴⁷, vive em embargo econômico imposto pelos Estados Unidos⁴⁸ e atravessa uma crise econômica e humanitária que elevou sua inflação a níveis estratosféricos⁴⁹ e força sua população a migrar para outros países⁵⁰.

No Brasil, o ex-presidente Lula acaba de ser solto⁵¹, após uma decisão do Supremo Tribunal Federal contra a prisão após condenação em segunda instância⁵². Bolsonaro já ameaçou voltar a prendê-lo através da Lei de Segurança Nacional⁵³ e a sua base voltou a ocupar as ruas de todo o país, repetindo as mesmas pautas vistas no dia 30 de junho⁵⁴.

⁴¹Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/11/internacional/1573500916_562089.html> Acesso em 17 nov. 2019

⁴² Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/10/internacional/1573419777_926417.html> Acesso em 17 nov. 2019

⁴³ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/crise-no-chile/>> Acesso em 17 nov. 2019

⁴⁴ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/numero-de-mortos-em-protestos-no-chile-chega-a-23.e6d0d49057e38d6104ec9922a20181d9hyhnx4w3.html>> Acesso em 17 nov. 2019

⁴⁵ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/01/internacional/1569885710_959879.html> Acesso em 17 nov. 2019

⁴⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/03/ecuador-decreta-estado-de-excecao-em-meio-a-atos-contralta-dos-combustiveis.ghtml>> Acesso em 17 nov. 2019

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47795371>> Acesso em 17 nov. 2019

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/trump-decreta-embargo-contravenezuela>> Acesso em 17 nov. 2019

⁴⁹ Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/inflacao-acumulada-na-venezuela-em-2019-ultrapassa-os-3000-09102019>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/18/internacional/1568808067_804228.html> Acesso em 17 nov. 2019

⁵¹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/ex-presidente-lula-e-solto-apos-580-dias-presos-na-policia-federal-em-curitiba.shtml>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵² Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/ao-vivo/stf-julgamento-prisao-de-condenados-segunda-instancia.ghtml>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵³ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/11/bolsonaro-sobre-lula-a-lei-de-seguranca-nacional-esta-ai-para-ser-usada.htm>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/11/09/cidades-tem-manifestacoes-contradecisao-do-stf-sobre-prisao-apos-condenacao-em-segunda-instancia.ghtml>> Acesso em 17 nov. 2019

Não é apenas a América Latina que atravessa um período de turbulência. Nos Estados Unidos, o presidente passa por um processo de impeachment e alega ser vítima de uma tentativa de golpe, enquanto exalta a religião, o exército, o armamento da população e a construção de um muro para separar imigrantes⁵⁵. Na Inglaterra, o Parlamento chegou a ser dissolvido pelo primeiro-ministro de extrema-direita Boris Johnson⁵⁶, em meio ao conturbado processo separatista do Brexit, enquanto, na França, os coletes amarelos incendiaram Paris para comemorar um ano de protestos⁵⁷.

"A cadela do fascismo está sempre no cio": a frase é atribuída ao dramaturgo alemão Bertold Brecht e foi escolhida como epígrafe deste trabalho. Brecht foi vítima de um governo totalitário e fascista e construiu todo o seu trabalho em torno da oposição a essas ideias e da defesa da liberdade e da igualdade. Assim como o teatro e as artes, deve ser o jornalismo, a fotografia e a pesquisa acadêmica. Não à toa, o primeiro presidente de extrema-direita eleito no Brasil elegeu o justamente o jornalismo⁵⁸, as artes e a cultura⁵⁹ como alguns de seus principais inimigos.

Neste trabalho, procurei me afastar de alguns consensos estabelecidos pela própria grande imprensa - notadamente influenciada por interesses econômicos e corporativos - e contribuir para a produção de um material que ofereça conteúdo prático e teórico sobre a relação do bolsonarismo e do fascismo e a adesão das massas a essas ideias. Me utilizei de autores da psicologia, como Freud e Reich, para sustentar teoricamente este argumento.

Acredito que mais pesquisas devem ser realizadas utilizando a psicologia, em combinação com as ciências sociais e políticas, para compreender melhor todas as turbulências que marcam o final da segunda década do século XXI.

Quanto às imagens, acredito que falem por si. A predominância da raça branca, o militarismo, a religião, o apoio popular a um estado de exceção e à impunidade a homens alçados à condição de mito: nada disso deve ser subestimado.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B3GU-L5BcYz/?utm_source=ig_web_copy_link> Acesso em 17 nov. 2019

⁵⁶ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/parlamento-e-dissolvido-e-comeca-periodo-eleitoral-no-reino-unido/>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵⁷ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/protestos-na-fran%C3%A7a-marcam-1-ano-dos-coletes-amarelos/a-51279079>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵⁸ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/jornalistas-relatam-serie-de-restricoes-em-posse-de-bolsonaro/>> Acesso em 17 nov. 2019

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-br/bolsonaro-transfere-mais-sete-orgaos-de-cultura-para-o-turismo>> Acesso em 17 nov. 2019

A conclusão deste trabalho indica um enorme desafio na defesa de um estado democrático no Brasil, e espero que possa ter contribuído para esclarecer e revelar alguns pontos sobre os quais todos aqueles que defendem a liberdade de ideias e a igualdade de oportunidades devem estar atentos e preocupados.

6. Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. O exotismo radical. In: **A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. São Paulo: Papirus, 1990.

BERGUER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BOBBIO, Norberto. Governo dos homens ou governo das leis? In: **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COUTINHO, Eduardo. O olhar no documentário. In: OHATA, Milton (org.). **Eduardo Coutinho**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs Vol. 3**. São Paulo: Editora 34, 2012.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso da Servidão Voluntária**. eBookLibris, 2006.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LISSOVSKY, Mauricio. A fotografia como documento histórico. In: LIMA, Ivan (org.). **Sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sindicato do Jornalistas; Funarte, 1983.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PEDROSO, Elson Sempé. Reflexões sobre fotografia no jornalismo impresso. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (org.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

PINTO NETO, Moyses. Juventude em chamas: pessimismo, organização e utopia. In: **Revista Lugar Comum n. 45**, 2015.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHMITT, Carl. **Théologie politique**. Paris: Gallimard, 1988.

7. Apêndices

7.1 APÊNDICE A – Heróis da nação



7.2 APÊNDICE B – Fora velha política



7.3 APÊNDICE C - Moro de papelão



7.4 APÊNDICE D - Punir promotores e juízes? Diga não!



7.5 APÊNDICE E – O STF é uma vergonha



7.6 APÊNDICE F – Semente do mal



7.7 APÊNDICE G – Esperança amarela



7.8 APÊNDICE H - O bom patriota



7.9 APÊNDICE I – Je suis Moro



7.10 APÊNDICE J – Intervenção militar, só se for agora



7.11 APÊNDICE K – Troféu



7.12 APÊNDICE L – Deus, sara esta nação



7.13 APÊNDICE M – Imprensa amiga



7.14 – APÊNDICE N – We are all Bolsonaro



7.15 APÊNDICE O – Eu quero intervenção militar



7.16 APÊNDICE P – Tia do zap



7.17 APÊNDICE Q – Lula presidiário



7.18 APÊNDICE R – Fora Gilmar



7.19 APÊNDICE S – Os Intocáveis



7.20 – APÊNDICE T - Guerreiro de luz



7.21 APÊNDICE U – Desconstruindo



7.22 APÊNDICE V – Um real



7.23 – APÊNDICE W – Legítima defesa



7.24 – APÊNDICE X – Centrão só tem ladrão



7.25 APÊNDICE Y – Continência



7.26 APÊNDICE Z – Acima de tudo e de todos

